



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 59-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Gr. telegr. *Talhada* — Lisboa • Telefone
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O inelutável

Agitam-se presentemente, em Lisboa, no intuito de obter um salário mais alto, os manufacturadores, os operários da indústria têxtil, os arsenalistas, os operários de outros estabelecimentos do Estado, os telefonistas, os charreiros, os funcionários públicos, os manipuladores de tabaco, os proceiros, os ferroviários, os empregados de caldeiras, o pessoal dos matadouros e ainda fracções de outras classes.

Preparam-se já para reclamar também aumento de salário, em fortes movimentos corporativos, os quais não virá porventura a ser estranho o aspecto conflituoso, os operários da indústria da construção civil, gráficos, metalúrgicos, operários do ramo mobiliário e alfaiates, indo seguir-lhes certamente o exemplo — que as circunstâncias são imperiosas — os restantes trabalhadores que dispõem de organizações de resistência capazes de se deffrontarem com o respectivo industrialismo.

Vamos assistir, portanto, a um movimento quasi geral do proletariado organizado economicamente, o qual é determinado pelo mesmo forte motivo: a alta do custo da vida, movimento que não o primeiro que se verifica depois de a guerra veio perturbar vigorosamente a sociedade, e que possivelmente não será o último.

Não assiste porventura razão aos trabalhadores que reclamam? Quem será capaz de pôr em dúvida a justiça das suas exigências, determinadas, na hora grave que passa, pela pavorosa carestia da vida?

Ninguém a tal se abalançará, nem mesmo o muito menos as condições a quem se dirigem as reclamações do proletariado, embora, morce da mecânica orientada que tais entidades imprimem os seus actos, sempre que lhes é presente uma reclamação operária, adivinhemos já que não cedem sem que os estabelecimentos, oficinas ou obras em que preparam não fechem uns dias e também sem que os órgãos de informação não noticiem a realização de conferências entre delegados das duas partes e até de representantes de instituições estranhas e por último, transigências mútuas de assalariados e assalariadores, publicidade essa que, no calculado critério patronal, é mister, a fim de que esse patratado depois ficou habilitado a exigir por sua vez ao consumidor não apenas a parte correspondente ao que teve que ceder aos seus assalariados, mas essa parte o mais três ou seis ou dez para... dominância própria.

E porque este é o critério geral seguido entre nós pelos defensores da produção, possibilidade não há duma corporação operária apresentar qualquer reclamação que seja atendida sem o total recurso à greve.

No intuito de pôrem termo a uma tal tática exigem agora os organismos operários o pagamento dos dias em que os respectivos filiados são forçados a estar inactivos por virtude da resistência posta pela parte contrária, mas ao mesmo assim se tem logrado pôr cobro àquella tática, posto que a experiência tem demonstrado ao patronato preferir pagar o dia do greve a colocar do banda expediente, o succed assim pela razão de não ser afinal esse patronato quem paga: limita-se a fazer um simples adiamento, que após a solução do conflito é pago com dobrados juros pelo patrono bode expiatório: o consumidor.

As gazetas burguesas, os governantes, os parlamentares e, dum modo geral, todos os que falam ao publico, sempre que a classe operária se agita pelo aumento do salário, supondo dar-nos uma novidade, vem logo com o argumento do circulo vicioso. Bem sabemos isso e foi até uma instigação sindicalista — a extinta União Operária Nacional — quem pela primeira vez entre nós expunha o conceito, fazendo-o no seu manifesto do Maio de 1918, quando, dirigindo-se ao proletariado nacional, lhe fazia uma exortação, da

qual recordamos o seguinte trecho:

Urge levar a efeito um movimento não duma corporação, mas das corporações operárias, de todo o proletariado, enfim, que consome e não ganha o necessário para adquirir o indispensável. Será um movimento ao mesmo tempo de aumento de salário para todos os produtores, cuja jorna esteja em manifesta desproporção com o actual custo da vida e de opposição tenaz, organizada, sistemática, à alta injustificada dos artigos de primeira necessidade. E então, uma vez equilibrado o salário com o custo da vida — princípio que ninguém poderá apodiar de injusto — desde que seja demonstrada a necessidade de determinado artigo ter fatalmente que subir de preço, o proletariado, fortemente unido, promoverá que suba proporcionalmente o salário, para não regressar ao circulo vicioso em que se debate actualmente.

Se esta exortação fosse escrita hoje não teria menção actualidade que em 1918, porque hoje, como há dois anos, com pequenas variações, as circunstâncias são as mesmas. E porque as circunstâncias são as mesmas, a acção operária deveria ser a então aconselhada pela U. O. N., que, em nosso critério, é a mais racional, a mais lógica e a mais humana.

O objectivo da U. O. N. não foi, porém, compreendido pela massa operária, e as consequências estão a saltar à vista: movimentam-se apenas as corporações que tem condições de organização para lançar-se em luta, as quais verão certamente satisfeitas as suas justas pretensões, mas as restantes, que não são seguramente as menos sacrificadas, continuarão a viver uma vida de privações, porque não vai o respectivo patronato aumentar-lhes o salário num gesto espontâneo.

Agora que, como vimos, tantas corporações se agitam seria admirável que se registasse um monor egoismo do classe, olhando-se além do estreito âmbito corporativo, isto é, para os trabalhadores que se encontram naturalmente impedidos de reivindicar, preferindo-se exercer uma acção que por igual fosse proveitosa, o que, além do mais, teria a vantagem de concorrer para que todos os que produzem auferissem um salário que os collocasse num pé de igualdade em relação às exigências do consumo, que são indistintas.

A conferência dos organismos de transportes

Realiza-se hoje na sede da C. G. T., promovida por esta

E' hoje, pelas 11 horas, que se reúne, na sede da C. G. T., os delegados que representam os organismos de transportes de terra e mar, de longo curso, para se occuparem duma questão internacional de mais alta importância.

E tal é a sua transcendência que a resolução ou resolução a tomar, afirmará duma forma iniludível quais os seus efeitos, a consciência e a força de que estão possuídos os organismos de transporte, em face duma questão transcendental e humana.

Far-se-á representar os organismos que mais podem influir em questões nacionais e internacionais.

O Comité Confederal confia em que estes organismos saberão afirmar a sua vontade.

Funcionalismo publico

As "démarches" junto das regiões officais

Conferenciaram ontem com o ministro das finanças a comissão de funcionários administrativos, a comissão central de equiparação dos vencimentos dos empregados do Estado e a comissão organizadora da cooperativa dos funcionários públicos.

Funcionários administrativos

Os delegados dos funcionários administrativos do país, tiveram ontem uma conferência com o ministro das finanças, sobre as suas reclamações. O ministro recebeu os delegados e prometeu introduzir no seu projecto de lei, que não permite às câmaras auferirem as suas contribuições, uma emenda pela qual esses aumentos serão permitidos quando se destina a respectiva receita para melhorar os vencimentos do pessoal. Mais prometeu ter sobre o assunto uma conferência com o chefe do governo.

Pessoal dos hospitais civis

Para resolver sobre a moção aprovada em 9 do corrente pela classe dos Correios e Telegrafos reuniu ontem a assembleia magna, que aprovou por aclamação a moção que já é de conhecimento publico.

Ao encerrar-se os trabalhos, foram levantados entusiasticamente vivas à C. G. T., à União do Pessoal dos Correios e Telegrafos e ao funcionalismo publico.

NOTAS & COMENTARIOS

A eterna cantiga Pouco depois da instalação da raça dessa beleza que para ali está à espera que o cançalheiro tenha tempo para lhe fazer o caixa, o movimento operário começou a surgir e muitas classes se lançaram em greve, reclamando regalias várias. Os governantes de fresca data não gostaram da história e vão de fazer perseguições, ao mesmo tempo que proclamavam com ênfase ao país: — o momento não é azado para o operariado reclamar, agora é preciso trabalhar muito, para assegurarmos a estabilidade da República. E depois destas declarações continuaram prendendo, assassinando, encerrando sindicatos. Estala a guerra. A situação económica agrava-se e o proletariado protesta. Então, os governantes, muito pachorrentamente, mudam o disco ao gramofone e começam dizendo: «nesta ocasião, tem solene para a história pátria, em que os nossos valores soldados se estão batendo nos campos da Flandres, é um crime qualquer agitação operária.» E muito pouco fuzilaram algumas dezenas de operários aqui defronte, na Calçada do Combro, enquanto os homens de diabo cumpriam à altura o seu dever de felidinos patriotas e homens de bem esfacinando o povo. Assim-se o armistício, estala Monsanto e o proletariado salva a República. Os republicanos, num assomo de reconhecimento, estabelecem o dia de 8 horas, que o proletariado aceita de muito boa vontade. Mas depressa se arrependem. O gesto foi imprudente e pensam em emendar a mão, motivo porque deram corda ao relajo, tocando uma ária que se pode resumir nisto: — assinada a paz, iniciou o período em que é preciso trabalhar muito, o proletariado quer o dia de 8 horas; não é possível reduzir dessa forma a produção nacional, sendo preciso que os proletários muito patrioticamente se resolvam a trabalhar umas 24 horas em cada dia. — Estão aqui definidos os três períodos mais importantes da história da República e todos por experiência própria sabem como os homens do regime são prodígos nas mais audaciosas patranhas. Mas ainda desta vez os trabalhadores se deixaram ludibriar! Vejam lá, se acham ainda pequena esta grande mistificação, é só pedir por "boa, porque cada vez estamos mais convencidos que a politica tem roubado à arte de Talma astros de primeira grandeza...

Os intellectuais Grande dificuldade de contrários sempre em fazer a distincção entre intellectuais e manuais, sendo muito difficil definir onde começa e onde acaba o trabalho manual. Em quasi todos os officios há tarefas que demandam um esforço cerebral, ao passo que nos custos a descobrir a intellectualidade duma matreira raposa de tribunais ou de certos médicos que consomem uma existência a assinar atestados e a receber hóstias de várias qualidades. Seria arrojado, pois, pretender estabelecer a fronteira que separa manuais de intellectuais — se é que alguma fronteira pode e deve existir. No o entende assim um qualquer grupo reformista duma capelinha intitulada Federação Nacional Republicana que, influenciado pela recente constituição em França duma Confederação Geral dos Intellectuais, cousa idêntica pretende levar a cabo aqui. Não ficaram os homens pelas palavras e vão de meter mãos á obra, constituindo uma comissão organizadora, de que fazem parte dois funcionários públicos, dois militares profissionais, um contabilista, etc., estando nós em sérios embaraços para descobrir quais as intellectuais funções que a dentro dos seus mistérios desempenham esses individuos. Estamos convencidos, de resto, de que da referida comissão não virá grande mal às gentes, para mais que dela faz parte um veterinário, que não recusará, em nome duma camaradagem certamente lial, os seus serviços áquelles dos seus colegas que forem atacados pela intellectualidade-aguda.

As reclamações ferroviárias O nosso informador na Arcada, enviou-nos a seguinte informação: O sr. ministro do commercio não foi ontem a sua secretaria por estar no propósito de ali não voltar se o parlamento não aprovar a melhoria de situação dos ferroviários do Estado.

Estamos na realidade, assistindo a um caso curioso: o parlamento, que ao exercitio não tem negado as minimas regalias, consentindo no aumento do canon militarista, combate encarnadamente as reclamações ferroviárias, destacando-se nesse combate os populares que ao exercito tem feito um namorado descaído. Que resultará disto? Os ferroviários do Estado serem compelidos, pelos parasitas de S. Bento, a irem para a greve, atendendo-se por fim, as suas reclamações, mas após alguns dias de paralisação do tráfego ferroviário, o que acarretará sensíveis prejuizos.

Os aliados e a Rússia O reatamento das relações comerciais é um facto

COPENHAGUE, 13. — Telegramas do Royal annunciam ter começado as relações comerciais com a Rússia. Litvinoff recebeu confirmação da sua nomeação para as funções de director representante das cooperativas em Copenhague, onde se vai instalar uma central comercial bolchevista para a ratificação de grandes negócios. Rádio.

Os aliados e a Rússia O reatamento das relações comerciais é um facto

COPENHAGUE, 13. — Telegramas do Royal annunciam ter começado as relações comerciais com a Rússia. Litvinoff recebeu confirmação da sua nomeação para as funções de director representante das cooperativas em Copenhague, onde se vai instalar uma central comercial bolchevista para a ratificação de grandes negócios. Rádio.

A Casa dos Trabalhadores

O apuramento da primeira contribuição para a Casa dos Trabalhadores atingiu 15.000\$00

Conforme noticiámos no nosso numero de ontem, os operários mecânicos, após a solução do seu recente movimento grevista, deliberaram contribuir com um dia de salário para a Casa dos Trabalhadores, dando assim uma prova de que a ideia da aquisição de uma sede onde possam estar comodamente instalados os organismos sindicais lhes merecia tanta simpatia que ao viem de lutar com o patronato para conquistar mais alguns centavos nesta hora difficil para os que do trabalho vivem, a sua primeira preocupação é concorrer com o produto material de um dia do exercicio da sua actividade para a iniciativa a que vem de lançar-se com entusiasmo os representantes dos nossos organismos de resistência.

Sabemos que outras corporações que ora lutam, levadas com o mesmo objectivo, com o patronato, ao conseguirem ver satisfeitas as suas legítimas pretensões se propõem tomar resolução idêntica à daquela classe, intenção esta que dá uma justa medida do forte desejo que anima o proletariado de materializar, embora à custa de difficuldades grandes, a ideia, que vimos agitando nestas colunas, da aquisição da Casa dos Trabalhadores.

Ao passo que isto succede em Lisboa, em várias terras da provincia promovem-se festas cujo produto revertirá a favor da Casa dos Trabalhadores, chegando-nos agora a noticia de que em Aveiro um grupo de camaradas, à frente dos quais se encontra Augusto Cadete, vai realizar em breve uma dessas festas.

Conforme ontem dissemos, a totalidade das quantias colhidas no primeiro mês para a Casa dos Trabalhadores eleva-se à soma de quinze contos de réis, quantia que representa um grande esforço levado a efeito pelo proletariado, mister se tornando, porém, que ao esforço realizado outros grandes esforços se ajuntem, sem o que a possibilidade não haverá de vermos convertido em realidade um dos mais arrojados, mas também dos mais necessários empreendimentos da organização sindicalista.

Sindicato Unico Metalúrgico

A comissão auxiliar pró-Casa dos Trabalhadores deste sindicato ao terminar o primeiro mês de coligação, reconhece a attitude digna das camaradas de algumas oficinas que a tem conjuvado nos seus trabalhos e lembra que devem continuar a cotisar e verberar o procedimento daqueles que ainda não o fizeram até à data.

Congratula-se em especial pelo gesto do Pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses pela forma como tem compreendido o seu dever, isto sem desprimor para aquelles que tem contribuído com a sua cota parte para a Casa dos Trabalhadores, e espera esta comissão, para honra da classe metalúrgica, que todos os camaradas sigam igual exemplo.

A situação de "A Batalha"

O facto de darmos hoje quatro páginas não significa, mas grado nosso, que hajam sido atenuados os embaraços que se tem levantado à regular publicação de *A Batalha*, a qual continua atravessando um mau momento, morce da carestia extrema do papel de impressão, ora pago a preços tam altos que supunhamos intangíveis.

Verifica-se hoje, não só em relação a *Batalha*, mas também aos outros diários que vivem dos próprios recursos, esta situação singular: quanto maior é a sua publicidade, mais elevado é o prejuizo que sofrem, uma vez que, como já a accentuamos, o jornal se vende por preço inferior ao do respectivo custo. Anteriormente, a preocupação maior de todos os órgãos de publicação era fazerem grandes tiragens; presentemente só podem ter tal ambição aquelles jornais que contam com elevadas receitas de anúncios ou então os que, sem escrúpulos, fazem a selecção da matéria paga, aceitam quaisquer comunicados. E todavia *A Batalha*, que em tiragem é o terceiro jornal de Lisboa, a despeito das difficuldades com que luta, ambiciona ainda uma maior expansão, e nenhum outro a podia ter maior, porque não há classe mais numerosa que a operária, cujos interesses *A Batalha* defende.

A Batalha, que tem grande quantidade de composição retirada, por virtude de ter sido forçada a entrar no regime das duas páginas, sai hoje com quatro, mas para fazermos face à despesa que este e outros números não vão acarretar, contamos com a comprovada dedicação do operariado e da sua organização de classe, uma vez como o demonstrámos já, tendo um consideravel prejuizo com os números de duas páginas, muito maior é, evidentemente, quando, como hoje, sai com quatro.

Dedicações em volta de "A Batalha" Continuam várias sindicatos e amigos de *A Batalha* a manifestar-nos a sua solidariedade. Assim, a Associação dos Chauffeurs, na sua última assembleia geral, depois de aprovar um voto de protesto contra a deportação das camaradas expulsas do Brasil, votou um outro de louvor a *Batalha* e resolveu adquirir 50 acções e convidar todos os sócios a adquirirem por sua vez obrigações de *A Batalha*, que ofereceu à Associação, sendo desde logo aberta a inscrição respectiva, que attingiu um numero superior a 100 obrigações.

Também o nosso velho amigo e camarada Antonio Sá Júnior nos enviou 1500, quantia esta com que contribuirá mensalmente, pedindo-nos convidarmos os amigos de *A Batalha* a seguirem o seu exemplo, dizendo que se 10.000 o fizessem *A Batalha* poderia vencer os obstáculos que lhe cria a carestia do papel.

— Os empregados da Carris de Ferro, na sua assembleia de ontem, apreciaram a situação de *A Batalha*, nomearam uma comissão para angariar donativos a favor deste jornal, resolvendo também effectuar brevemente uma festa com o mesmo intuito. O camarada

Relação dos contribuintes Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa
Lista n.º 3. — Guilherme Silva Loureiro, pedreiro, 2500; Carlos Abreu, carpinteiro, 1800; Isid. José Ribeiro, idem, 2400; Noel José Ribeiro, idem, 1870; Alfredo Nunes, cabouqueiro, 2400; Armando José Ribeiro, carpinteiro, 1870; Francisco Relva, pedreiro, 2500; Joaquim Pereira, idem, 1800; António Duarte, idem, 2400; Abel Pereira Araújo, pintor, 2800; Silvestre Mendes, aprendiz de canteiro, 800; Joaquim Diamantino, pedreiro, 2800; Eduardo Cesar, carpinteiro, 2470; António Dias Paixão, canteiro, 2800; Gustavo Neves, servente, 1800; António Santos Nunes, carpinteiro, 3600; António Silva, pedreiro, 2800; Fernando Soares, carpinteiro, 2800; José Alcântara, servente, 1800; João Anjos, pedreiro, 2500; João Vicente Vieira, idem, 2800; Francisco Cardoso, carpinteiro, 2400; Francisco Carvalho, servente, 1800; Eduardo José Carvalho, pedreiro, 2500; António Gouveia Silva, carpinteiro, 2800; João Pais, pedreiro, 2800; Domingos António Monteiro, 2500. Total desta lista 35885.

marada Januário da Conceição, condutor n.º 1248, que devia receber 2400 de carceragem por ter estado preso no governo civil, dispensou essa importância, deliberando a assembleia que revertesse a favor de *A Batalha*.

SACAVEM, 13-C. — Entre um grupo de amigos que ontem se reuniu nesta localidade para comemorar os anos da companhia dum dêtes, foi aberta uma queta a favor de *A Batalha*, que rendeu 2550.

Uma carta e um alvitre

Do nosso camarada e amigo M. J. Silva Lício, do sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, recebemos a seguinte carta:

Camarada redactor: — Há já algum tempo que *A Batalha* vem acentuando quaão difficil se vai tornando a sua vida, em virtude da carestia do papel. Quem pode negar os serviços que este jornal tem prestado à Organização Operária? Tem evidentemente prestado belos serviços não só como órgão de defesa dos trabalhadores, mas ainda como um belo e importante factor de educação.

A Batalha, jornal da organização operária, porta-voz de todos os trabalhadores, só por eles deve ser sustentado. Se todos os organismos seguirem o processo do sindicato a que pertence, contribuindo cada syndicado com 1 centavo por semana para *A Batalha*, certo é que a sua vida estaria assegurada, mas como assim não succede, justo é que doutros recursos lancemos mão.

Assim, lembro-me eu que se todos os sindicatos, numa proporção relativa ao numero de associados, fizessem contribuições com uma mensalidade fixa, teríamos por este modo feito desaparecer o deficit, e *A Batalha* continuaria a prestar os seus serviços aos trabalhadores, podendo arrojarse a fazer muito mais, porque não temos ainda muito que trabalhar para que a nossa educação chegue à perfectibilidade por todos almejada.

A realização deste meu alvitre, daria a todos que nos olham, que nos escutam, a verdadeira noção da grandeza da nossa força, e parece-me que já é tempo de nos convencermos do nosso valor.

E' na manutenção do órgão da C. G. T., que reside a demonstração da nossa coesão, e do que valeamos como classe organizada. Aqui fica, portanto, o alvitre, e estou certo que todos os sindicatos, racionando, lhe darão o seu franco e leal apoio.

A Sociedade das Nações

HAYA, 14. — Na sua exposição em resposta aos relatórios das comissões da segunda câmara, que examinaram o projecto de lei relativo à adesão da Holanda à Convenção para a Sociedade das Nações, o governo confirmou que tinham sido feitas diligências, rodoadas de êxito, para a próxima convocação em Haya duma reunião dos representantes da Suíça, da Escandinávia e da Holanda, tendo em vista discutir um projecto uniforme de Tribunal de Justiça Internacional; emfim, o Governo declarou que a sua adesão à Sociedade das Nações comportaria também a das colónias holandesas. — Rádio.

NOTAS & IMPRESSÕES

Entrudo por um óculo

Vem o governo de praticar uma acção meritória que há de levá-lo, seguramente, à posteridade às caveleiras dos adjectivos encomiásticos das vitimas do Entrudo e encavalitado nas vaías e nos insultos dos carrascos do referido. Acaaba o governo de pôr o pé direito no limiar da celebridade, não permitindo que durante os três dias anualmente consagrados a exhibição de misérias se pratiquem actos a que alguns chamam inofensivas brincadeiras, e a que outros, evidentemente mais casmurrês, teimam em chamar selvajarias. Decididamente o governo andou com cabeça, porque esta coisa de Carnaval está hoje averiguado que apenas tem o mérito de dividir em dois bem distintos lotes a população duma cidade, duma vila ou dum lugar qualquer. Dum lado os carrascos, os que, a todo o transe, querem brincar, galhofar, prejudicar; do outro as vitimas que não querendo, por educação ou por temperamento, fazer nem uma nem outra coisa, são obrigadas, pela força das circunstâncias, a ser brincalhonas, galhofeiras, com a agravante de não prejudicarem ninguém, sendo elas, bem pelo contrario, as únicas prejudicadas. Acho, pois, muito bem feito o que o governo acaba de fazer. No entanto, como não há bela sem senão, eu permitto-me vir pra'qui hoje conversar um pouco com os meus botões sobre os motivos que levaram o magnifico e excelentissimo ministro Pereira, e respectivos peras, a proibir as folganças entrudescas. Se bem que concorde com a medida, não de dar-me licença para estranhar que tal se fizesse, filiando-se a minha estranheza apenas no facto de nós, portugueses, azevados não andarmos pelos homens de Estado a medidas repressivas, e violentas por isso mesmo, nem a coletes de forças coercitivas do gôso de cada um.

Ora, o governo Pereira... e peras, proibindo a alegria carnavalesca, só pôf duas razões de peso o poderia fazer, e vem a ser uma o tardonho desejo de manter um decôro de que todos se goiem, e a outra o medo puro e simples, um meduncho diabólico e comprometedor, pois na rialidade todos os nossos governos e todos os nossos governantes há um bom par de anos que não sabem fazer outra coisa senão ter medo. Medo de tudo — das revoluções, dos operários, dos sidonistas, dos bolchevistas, dos democráticos, dos militares sem graduação e com graduação, dos batoteiros e até das máscaras. Dir-se ia que os governos não tem outra função a desempenhar no Terreiro do Paço. Não é só este — são todos. O de concentração e o retinamente partidário, o de acalmagem e o de tranquilidade, o que foi e o que há de ser, o anterior e o posterior. No fundo é tudo uma questão de posterior. Mais nada.

Admitamos, porém, que o ministério não tem medo nenhum; que aquilo é tudo rapaziada fixe e garantida, e que a próxima revolução não a assusta.

O CARNAVAL
Como todas as ideias velhas, vai morrendo

O Carnaval é uma coisa velha que de ano para ano vai diminuindo de intensidade. Nos velhos tempos da monarquia que Deus tem, não podia um individuo assomar, por este tempo, o nariz à janela que um co, daqueles ouos baratinhos e frescos, não viesse amolgar-se-lhe na cara deixando o assomado mais amarelado do que um canário da ilha. Se ouvasse pôr pé na rua um che-chê de terrificante facalhão e chavelho retorcido e ameaçador, dava-lhe uma p-nçada com o grande ventre de trapos e amolga-o contra uma esquina. A agua fétida, os papelinhos, a farinha a serradura e o estercor, besuntavam a população e as ruas, dando assim a impressão de que naquella época o homem redobrava de louncura.

Mas a evolução natural da sociedade foi pouco a pouco amenizando o Carnaval. A guerra com o seu cortejo de misérias e lutos deu-lhe o golpe final. E hoje, só meia d'izida de imbecis que estudam na Politécnica ou não sabem onde gastar os lucros arrancados ao sangue, ao estômago do povo, teima ainda em conservar essa selvajaria que os nossos a'os tanto prezavam.

As autoridades proibiram o carnaval nas ruas. E' a comédia habitual: a lei, ou vem legalisar um costume, uma reoluição que lentamente o povo foi adoptando, ou vai contra as aspirações desse povo. De maneira que esta lei, como todas, é immoral encuada dum modo e inutil vista por outro prisma. E' immoral porque priva meia d'izida de milhares de dar largas à sua vontade quasi ancestral de espintear ruidosamente pelas ruas, hávia adoptado as ideias que ela prescreve.

Não queremos com isto dizer, visto que pertencemos aos últimos, que os in-

Muito bem. Fica-nos a hipótese de que os nossos estadistas acharam que é uma grande pouca vergonha esta coisa dos ricos se divertirem quando a escravatura estala de lazeira no lar vazio, e resolveram pôr um dique ao grande crime que se projectava para todos esses dias gordos que aí estão. Não se admite, realmente, que, «na hora grave que o país atravessa», «no momento desgraçado que passa», em que estamos todos «à beira dum abismo sem fundo», mais fundo do que o tacho onde atrombam os revolucionários civis e comcomitantes apaniguados, haja quem tenha vontade de entrudar.

Não senhor, não se admite. Mas se os governos, os peregrinos governos que tem comandado os nossos destinos tivessem encarado com olhos sem vidros a situação criada aos pobres pelos que, à sombra da guerra, conheceram delicias a que nunca julgaram chegar, talvez que os pruridos de sensatez que, tarde e a más horas, se apoderaram dos nossos ministros muito-amados não tivessem chegado a manifestar-se. Eu não tenho nenhuma vontade de me divertir, porque para isso não me chega a guita nem me sobra o entusiasmo, mas, por outro lado, também não posso ver que se proiba o que quer que seja, nem posso negar que haja alguns maduros pouco escrupulosos e menos estetas que queiram brincar com porcarias que, de resto, vão passando muito surranteiramente à história, pouca gente se dando já a essa estúpida tarefa. Até certo ponto era bom que os deixassem manifestar a sua alegria, se eles quizessem dar-se a esse trabalho, para todos os ficarmos conhecendo melhor. Proibir! Proibir! Paliativos.

Se se tivessem evitado as grandes fortunas que, roubando descaradamente, pobretanos, vigaristas e piratas estanhados rializaram, tirando o pé da lama para lá meter os dois, já não teria de me referir à pitoresca medida governamental, inferior, como medida, ao do tasqueiro aqui de baixo. Se se tivesse lançado uma contribuição pesada sobre os lucros ilegais e imorais que determinada gentinha fez, armando em negociantes de fresca data, ter-lhe-iam tirado o desejo de retojar, talqualmente acontece a nós outros, que suportamos o esmagador triunfo das subsistências e correlativos — enfezando-nos, tuberculizando-nos, espantando-nos.

Se o ministério não viesse, á última hora, cortar a linha do gôso ao rubicundo assambarcador — armado em *diablotanti* de São Carlos, que já tinha gasto um dinheirão em *confetti*, serpentina e bisnagas de agua do pote, o Carnaval, que de ano para ano se vai mirrando, o estupor, passava quasi despercebido, conveço-me desta, com o que todos teríamos a lucrar. Estes politicos são sempre uns desastrados. Foram eles, afinal, que deram a nota carnavalesca.

Antero de LIMA.

divíduos teimosos em conservar por actos desequilibrados essa cousa porca que se chama Carnaval, procedem bem, não. Condenamos em absoluto o Carnaval, e principalmente na época lutosa e miserável que passa. Quando milhares de famílias lutam com a fome, o frio que ambições humanas sobre elas tem desencadeado; quando milhares de pessoas lamentam ainda a morte dos seus filhos, pais ou irmãos, barbaramente assassinados na guerra homicida; quando se pensa em transformar a sociedade de maneira a banir della todas as ideias velhas que a tem corrompido, haver ainda alguém que pensa em conservar essa exhibição estúpida e estrondosa da sua vacuidade cerebral, esbanjando sem conto, em bugigangas de papel, pôse mascaradas luteis o dinheiro que poderia ser empregado em belas obras, obras de remodelação mental deste povo analfabeto e esumado, é tudo quanto há de mais condenável e revoltante. E' por isso que não podemos suportar o Carnaval.

Restos da guerra

Os virtuosos contra os culpados...

LONDRES, 14. — O conselho de ministros aprovou o texto da nota que será dirigida à Alemanha e à Holanda e que só será publicado depois de recebidas pelos governos alemão e holandese.

Assigura-se que na Alemanha se reclama a extradição dos culpados reclamados por certos crimes dos quais são autores directos e reconhece ao contrario a dificuldade de entregar os culpados cuja responsabilidade é sobretudo immoral. A nota à Holanda encara a possibilidade dos Países Baixos entregarem o ex-Kaiser à «Entente» com a condição dele ser internado fora da Europa, por exemplo nas Indias Neerlandesas. As questões do Adriático e da Turquia ainda não foram regularizadas, — Rádio.

Não te esqueças, camarada, de ceder a quantia correspondente a um dia do teu trabalho para a CASA DOS TRABALHADORES

Enfardadeiras, arame de enfardar, foices e gadu-
nhas, locomoveis, motores, cimento, tijolo e barro re-
fractario, serra fita e circular, cunhas, marretas, malhos
e britadeiras, arames, chumbo em tubo, barra em chapa,
Zinco em chapa, Barra e laminas para caldeiras. Esta-
no e metal antifricção.

Aos melhores preços

Parafusos com porca, cantaria e outras ferragens e
ferramentas. Maquinas de serrar, sem fim e circulares.
Pás, picaretas, ancinhos, enxadas, carros de mão e para
sacaria, açoes.

Antonio Furtado dos Santos, Ares & C.
148, Rua da Boa-Vista, 150—Tel. 1780-C.

O BRIC-À-BRAC DE ALCANTARA

José Nicolau Verissimo
RUA DE ALCANTARA, 37
SUCCURSAL—RUA DO LIVRAMENTO, III e III

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade
de artigos de mobílias completas de quarto, casa de jantar, es-
critório e sala. 50% de desconto aos assinantes da Batalha.

AS VALENTES E PERAS PARA A RAPAZIADA

Disputam-se a pancada

Botas brancas a
9\$750 e 10\$250
Botas pretas 2 so-
las a 13\$750
O nosso sortido
impresc. Venham
ver! Venham ver!
Botas para ho-
mem liquidam-se a
11\$000, 12\$000,
13\$500.
Sapatos de pe-
lica para senhora a
7\$500, 9\$000, 10\$000, 11\$000.
Sapatos em pelica verniz para senhora, salto à Luiz XV,
a 11\$500, 12\$500, 13\$000.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de
Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa
dos Empregados do "Diário de Notícias". 701

SAPATARIA S. ROQUE
16—Largo de S. Roque—17

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da
sifilis e de todas as doenças que derivam da im-
pureza do sangue. Causadas de poções de feiti-
ço. Tratam-se de todas as doenças por meio de
ervas. Preço, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21
roz-do-chão, ditório, a Estrela.

CALÇADO

Ninguém vende mais barato

Para homem, senhora e crianças.
Não se paga luxo e vai-se bem ser-
vido. CASA PROGRESSO, Rua D.
Pedro V, 59 a 63, esquina da R. da
Rosa. 61

Envia-se catálogo grátis

OURO COMPRA-SE

e paga-se bem, pra-
ta e platina qualquer quantidade.

RELOJOARIA E OURIVESARIA

do CAIS DO SODRÉ

Rua do Corpo Santo, 54 907

Pomada "MARY,"

A melhor para dar lustro e con-
servar o calçado

Descontos aos revendedores

DEPÓSITO: 763

MORRIS & RODRIGUES

Rua Marechal Saldanha, 13

Nunes & Nunes, Limitada

CASA BANCARIA

RUA AUREA, 97—LISBOA 741

Ed. Teleg.—Dolentes

Cambios, papéis de crédito na-
cionais e estrangeiros, coupons,
notas e moedas estrangeiras.
Descontos e transferências.
Depósitos a ordem e a prazo.

Palmira Augusta de Pinho

FALECEU

Seu marido André de Pinho Velente, seu
pai António da Costa Leite e sua mãe Ma-
ria Augusta Leite, participam aos seus ami-
gos e pessoas de suas relações o falecimento
de sua querida esposa e filha, deixando
o preito sair da casa de sua residência
calçada de S. Vicente, 46, amanhã, segun-
da-feira, às 15 horas, para o cemitério
oriental.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima—Estatutos

de 30 de Novembro de 1894

Serviço dos Armazéns Gerais—Venda

de barris vazios

No dia 21 de Fevereiro pelas 15 horas, na
estação central de Lisboa (Rossio), perante
a comissão executiva desta Companhia, se-
rão abertas as propostas recebidas para a
venda de 75 barris vazios.

As condições e termos, em Lisboa,
na repartição central do Serviço dos Arma-
zéns Gerais (edifício da estação de Santa
Apollónia) todos os dias úteis das 10 às
18 horas.

O depósito para ser admitido a licitar de-
ve ser feito até às 12 horas precisas do dia
do concurso, servindo de regulador o reló-
gio exterior da estação do Rossio.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1920.—O Direc-
tor geral, Ferreira de Mesquita.

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anún-
cio correm editos de 30 dias para se habili-
tarem junto da Companhia dos Caminhos de
Ferro Portugueses os herdeiros do faleci-
do factor de 1.ª classe do Serviço do
Movimento—José de Sousa Mateus—e pen-
são por ele legada como contribuinte da
Caixa de Reformas e Pensões da referida
Companhia, nos termos do Regulamento de
26 de Maio de 1887, concorrendo a divisão
ou impugnando o pedido em requerimento
da viúva Maria Assunção Martins de Al-
meida e suas filhas Aurora e Laura.

Fundo este prazo será tomada delibera-
ção na conformidade das disposições do
citado Regulamento para os devidos efeitos.
—Lisboa, 5 de Fevereiro de 1920.—O Chefe
da Contabilidade Central, Manuel Bar-
queira.

A contar da publicação do presente anún-
cio correm editos de 30 dias para se habili-
tarem junto da Companhia dos Caminhos de
Ferro Portugueses os herdeiros do faleci-
do factor de 1.ª classe do Serviço do
Movimento—Luís Cândido—e pensão por
ele legada como contribuinte da Caixa de
Reformas e Pensões da referida Compã-
nia, nos termos do Regulamento de 26 de
Maio de 1887, concorrendo a divisão ou
impugnando o pedido em requerimento da
viúva Ana Nunes e seus filhos Ariar, Cesar e
Maria.

Fundo este prazo será tomada delibera-
ção na conformidade das disposições do
citado Regulamento para os devidos efeitos.
—Lisboa, 5 de Fevereiro de 1920.—O Chefe
da Contabilidade Central, Manuel Bar-
queira.

A contar da publicação do presente anún-
cio correm editos de 30 dias para se habili-
tarem junto da Companhia dos Caminhos de
Ferro Portugueses os herdeiros do faleci-
do factor de 1.ª classe do Serviço do
Movimento—Luís Cândido—e pensão por
ele legada como contribuinte da Caixa de
Reformas e Pensões da referida Compã-
nia, nos termos do Regulamento de 26 de
Maio de 1887, concorrendo a divisão ou
impugnando o pedido em requerimento da
viúva Ana Nunes e seus filhos Ariar, Cesar e
Maria.

Fundo este prazo será tomada delibera-
ção na conformidade das disposições do
citado Regulamento para os devidos efeitos.
—Lisboa, 5 de Fevereiro de 1920.—O Chefe
da Contabilidade Central, Manuel Bar-
queira.

A contar da publicação do presente anún-
cio correm editos de 30 dias para se habili-
tarem junto da Companhia dos Caminhos de
Ferro Portugueses os herdeiros do faleci-
do factor de 1.ª classe do Serviço do
Movimento—Luís Cândido—e pensão por
ele legada como contribuinte da Caixa de
Reformas e Pensões da referida Compã-
nia, nos termos do Regulamento de 26 de
Maio de 1887, concorrendo a divisão ou
impugnando o pedido em requerimento da
viúva Ana Nunes e seus filhos Ariar, Cesar e
Maria.

Fundo este prazo será tomada delibera-
ção na conformidade das disposições do
citado Regulamento para os devidos efeitos.
—Lisboa, 5 de Fevereiro de 1920.—O Chefe
da Contabilidade Central, Manuel Bar-
queira.

A contar da publicação do presente anún-
cio correm editos de 30 dias para se habili-
tarem junto da Companhia dos Caminhos de
Ferro Portugueses os herdeiros do faleci-
do factor de 1.ª classe do Serviço do
Movimento—Luís Cândido—e pensão por
ele legada como contribuinte da Caixa de
Reformas e Pensões da referida Compã-
nia, nos termos do Regulamento de 26 de
Maio de 1887, concorrendo a divisão ou
impugnando o pedido em requerimento da
viúva Ana Nunes e seus filhos Ariar, Cesar e
Maria.

Fundo este prazo será tomada delibera-
ção na conformidade das disposições do
citado Regulamento para os devidos efeitos.
—Lisboa, 5 de Fevereiro de 1920.—O Chefe
da Contabilidade Central, Manuel Bar-
queira.

A contar da publicação do presente anún-
cio correm editos de 30 dias para se habili-
tarem junto da Companhia dos Caminhos de
Ferro Portugueses os herdeiros do faleci-
do factor de 1.ª classe do Serviço do
Movimento—Luís Cândido—e pensão por
ele legada como contribuinte da Caixa de
Reformas e Pensões da referida Compã-
nia, nos termos do Regulamento de 26 de
Maio de 1887, concorrendo a divisão ou
impugnando o pedido em requerimento da
viúva Ana Nunes e seus filhos Ariar, Cesar e
Maria.

Fundo este prazo será tomada delibera-
ção na conformidade das disposições do
citado Regulamento para os devidos efeitos.
—Lisboa, 5 de Fevereiro de 1920.—O Chefe
da Contabilidade Central, Manuel Bar-
queira.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478
gramas Ferram

Ferramental completo para todos os officios
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,
latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carros, vagonetas e todos os pertences de material
"Decauville".

22, Largo de S. Julião, 23
Rua Nova do Almada, 1, 3 e 7

LISBOA

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedor
de fósforos de que podem dirigir dire-
tamente os seus pedidos:
No norte do País, aos Revendedores
Gerais:

Alves Macedo & Borges, S.ªs

67, Rua do Bom Jardim, 69—PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revende-
dores Gerais:

Nogueira Marques & C.ª

Rua da Alfândega, 92—LISBOA

sendo os preços por caixote de 3:600

caixinhas (25 grozas):

Fósforos de enxofre 36\$00 ou 301 por

caixinha; ditos Amoris, 72\$00 ou 302;

ditos de Cera Comum, 72\$00 ou 302;

ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de

caixote), 36\$00 ou 304; ditos de Cera

de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00

ou 303 por caixinha, com o desconto

legal de 10/10, seja qual for o número

de grozas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora
da execução dos pedidos ou falta de
concessão do desconto, devem ser diri-
gidas à Companhia Portuguesa de Fós-
foros, rua de S. Julião, 139—LISBOA.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZI-
TANA, e por um preço baratissi-
mo, compro um chapéu bom, boni-
to, bem acabado e duma solidão capaz
de resistir a todos os vãos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

cento 18\$00. Vende a casa dos ovos,

Rua dos Cavaleiros, 6.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OVOS

frescos e garantidos a 990 cada dúzia,

GRANDES ARMAZENS AFRICANOS

ALFAIATARIA E CAMISARIA

FARO & LOPES L.ª

Lanifícios, Fato feito, Camisaria, Bravalaria, etc.

Pegam amostras. Fatos sem prova. Vende-se

a metro e sem reserva de preço

todas as fazendas tanto para homem

como para senhora.

VISITEM ESTA CASA

A casa que mais barato vende

Fato reclame artigo chic 35\$00

110, R. dos Fanqueiros, 112 e 114 s-l.

Motores marítimos "Wolverine"

Desde 5 a 200 H. P. muito simples e de fácil manejo

Antes de adquirir outra marca consultem os representantes

da marca

"Wolverine"

MANUEL MARQUES

JUNIOR

R. 24 de Julho, 8

LISBOA

DÉCOPPEL

& C.ª Ltd.

R. Sá da Ban-

deira, 62, 2.ª

PORTO

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros